

MÍDIA, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO

Ana Carolina Eugenio
Luciana Grandini Cabreira
Priscila Cardoso da Silva
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

RESUMO

Por convenção temos utilizado em nossa sociedade o termo mídia para designar todas as manifestações dos veículos de comunicação de massa que como empresas visam sobretudo o lucro para garantirem sua sobrevivência no mercado. Como a sexualidade sempre chama atenção nos comerciais e programas televisivos notamos que este recurso se dobra à polêmica que a televisão procura para conferir audiência ao espetáculo que dissemina. Enfocando o tema mídia, sexualidade e educação nos propomos a analisar de que forma a mídia vem explorando o tema com experiências exitosas que favorecem o debate na sociedade. As crianças, por sua vez, se não forem esclarecidas sobre o teor das mensagens televisivas podem se converter em presa fácil para a indústria do entretenimento e consumo, por isso discutimos também o papel do professor como mediador para que este público possa se tornar mais crítico sem perder a inocência, deixando apenas a ignorância como destaca Braga (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Mídia e Sexualidade, Mídia-Educação, Educação Sexual Infantil.

MÍDIA, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO

INTRODUÇÃO

Atualmente sabemos que são inúmeras as formas de comunicação por meio da mídia. Seja ela do mundo virtual (veículo de comunicação não disponível para a maioria) ou mesmo da boa e velha televisão.

A televisão começa a expandir-se a partir dos anos 50 e vai rapidamente conquistando o público e ocupando um lugar importante no lazer das pessoas até que se torna, no final do século, o meio de transmissão de imagens absoluto em toda a cultura. Domina todas as outras formas de transmissão de imagens assim como todos os demais media (meios de comunicação), produzidos em grande escala (FILHO, 1994, p.16).

Embora o mundo virtual seja recente e novo para muitos de nós, ele já faz parte do cotidiano das crianças que o dominam com grande facilidade. Assim como o mundo virtual está presente no cotidiano infantil a televisão ainda tem um grande espaço no dia-a-dia das crianças. A mídia televisiva tem o poder de influenciar os nossos pequeninos, sempre destacando os mais novos lançamentos de brinquedos, as tendências da moda com frases chamativas do tipo: “você não pode ficar sem” ou mesmo com frases que se instalam de forma “poderosas” no subconsciente infantil.

A mídia televisiva e impressa reúne diversos veículos de comunicação de massa destinados a divulgação de informações destinadas a um público diverso, com o objetivo de transmitir informações, opiniões, entreterimento, publicidade e propaganda. Pensando desta forma, é um espaço de poder e força; formador de opiniões, valores, crenças e atitudes.

Acompanhando esta mesma linha de raciocínio, cada vez mais, as crianças sofrem com a influência da mídia no seu cotidiano. Muitas vezes, recebem informações e devido a baixa capacidade de interpretação, as notícias se formam de maneira distorcida. Para facilitar o entendimento, vejamos um exemplo de fácil acesso a todos: as telenovelas. Estas também são válidas como espaço de discussão dos fenômenos sociais. Algumas delas ressaltam problemas de caráter social e educacional independentemente se cabe ou não a ela esta responsabilidade. A telenovela (...) tem por finalidade entreter e, neste bojo, ela pode mesclar ‘pitadas de conhecimento’ no seu enredo, e não o contrário (PIVETA, 1999, p. 23). A questão não está nos horários que

elas são exibidas ou no teor de suas informações, mas sim o grau de diálogo que se tem com as crianças em decorrência dos questionamentos da curiosidade das mesmas. É importante que se tenha um diálogo aberto com as crianças e mais do que isso, responder de forma adequada as dúvidas apresentadas. Piveta (1999) reafirma sua idéia quando diz que educar é papel do Estado, a telenovela pode apenas auxiliá-lo neste difícil processo.

A criança é tida como um receptor, onde inúmeras informações de diversos meios de comunicação chega a ela sem nenhum filtro ou bloqueio, não são informações adequadas a idade, muitas vezes impróprias para a compreensão da criança sem a mediação necessária de um adulto. Se não ocorre essa mediação essa informação deixa de ser real e passa a ser distorcida, e conseqüentemente se espalha para as demais crianças.

Definir a realidade e facilitar a sua compreensão deve ser a tarefa de todo jornalista, embora isso não descarte a interpretação do fato e a orientação da opinião pública. Trata-se de uma função que necessariamente mistura conceitos técnicos com valores éticos, em proporções difíceis de caracterizar (SOUZA, 1996, p.17).

A curiosidade é algo nato do ser humano. Sendo assim, nada mais comum do que nos depararmos com a curiosidade das crianças, as quais estão em fase de descobertas e de formação de suas indentidades. Inicialmente com Freud (KUPFER, 1997), muito já se estudou ou se falou da sexualidade infantil, mas este assunto se tornou mais discutível com a inclusão da educação sexual nas escolas; pois muitos pais estão percebendo que a maneira pela qual “fugiam” do problema quando eram questionados pelos pequenos, não estão surtindo o mesmo resultado.

Não é por coincidência que a criança em seus poucos dias ou meses de vida tem a sensibilidade nas mãos, e ao tocar um dado objeto o primeiro reflexo da mesma é fechar o objeto em sua mão. As fases de desenvolvimento sexual devem ser respeitadas, sem a interferência no seu desenvolvimento pois assim como qualquer repressão, acarreta uma desestrutura emocional no indivíduo e poderá conseqüentemente trazer problemas futuros com a sua própria auto estima e em sua afetividade.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

A resposta de Freud é muito simples e até óbvia: as crianças devem receber educação sexual assim que demonstrarem algum interesse pela questão. Essa resposta é uma decorrência natural do fato de entender que, se já existe na experiência da criança algo de natureza sexual, não há porque negar a ela as informações através das quais poderá dominar, intelectualmente, o que já é conhecido no plano da vivência (KUPFER, 1997, p.46).

A sexualidade precisa ser encarada de forma natural, sem receios. Como já dizia Freud, é a moral transmitida pela educação que manifesta no indivíduo as noções de pecado e de vergonha que ele deve necessariamente ter diante das práticas sexuais, e esta é uma função como tantas outras. Os pais estimulam a evolução dos filhos em várias situações como comer sozinho, mas com a sexualidade são super cuidadosos e preconceituosos. Educação sexual é um processo para vida inteira. Reconhecemos que não é fácil, mas tentar melhorar a educação sexual que é oferecida para seus filhos é de fundamental importância para o seu desenvolvimento. Será a partir destas informações a respeito do assunto, que as crianças vão aprender sobre o sexo. Sobre a Educação Sexual Formal Figueiró argumenta:

(...) diz respeito a todo ensino intencional, planejado sobre a sexualidade, feito na escola ou na igreja, no posto de saúde, ou até mesmo em casa quando os pais, por exemplo, intencionalmente, pegam um livro sobre sexualidade e decidem ler juntos com a criança (1999, p. 3).

A questão que Figueiró (1999) coloca é que quando praticada na escola a Educação Sexual “vem revestida de um caráter biológico apenas, que não chega a dar conta de todas as dúvidas e incertezas que povoam a cabeça dos jovens (1999, p. 3). Dessa forma é necessário um trabalho para que o professor não fuja ao seu papel de ensinar.

Para sanar essa curiosidade “de onde vim?” corriqueira das crianças, a televisão faz o papel de “educar”, onde trata o sexo como mercado, objeto, erotiza e banaliza a sexualidade explorando o corpo feminino.

Vivemos em um país sexualizado, principalmente pela festa conhecida mundialmente, o carnaval. Esta festa popular está bastante voltada para o mundo adulto, contemplando corpos nus e conseqüentemente a sexualidade. Pouco se fala ou se discute o tema voltado para a criança. Esta situação propicia uma distorção de valores e de conceitos a respeito desta festa popular. No nosso país consideramos a idéia do carnaval como um fato normal, que faz parte da nossa história e dos nossos costumes, mas nos negamos a compartilhar e a discutir sobre o tema com as crianças, deixando um livre acesso à vulgarização e a conclusões distorcidas a respeito do assunto. O que nos chama a atenção é que não se tem a conversa adequada com uma criança para esclarecer dúvidas e quando se tem a dita conversa a realidade é distorcida pelo próprio adulto, conversar sobre sexo com a criança no sentido de uma educação é tido como errado, quantas vezes ouvimos “mais ela nem sabe o que é isso”, “pra que conversar de sexo com as crianças, elas tem é que brincar e estudar”, com certeza tem sim muito o que brincar e estudar mais quem disse que a sexualidade não faz parte do ensino? São conceitos estereotipados que precisam que ser revistos.

Em 2007 a RTP2 apresentou em sua programação a animação “Então é assim” em uma tentativa inédita em Portugal de se estabelecer um diálogo entre pais, educadores e demais atores sociais no debate do que poderia ser mostrado às crianças na faixa etária dos 7 aos 11 anos. “Então é assim” (título original That’s How!) é um curta que desenvolvido em uma parceria dinamarquesa-canadiana traz sem rodeios o tema sexualidade humana, abordando desde a relação sexual entre o casal até o nascimento do bebê ilustrando cada etapa do processo com muita clareza. Como trata-se de um tema pouco discutido, que requer cuidados e sutileza; a RTP2 criou as condições para que as partes mais interessadas (os pais), pudessem decidir se queriam ou não que os seus filhos visualizassem o material sobre educação sexual, transmitido no dia 1 de Junho. Sendo assim, no dia 31 de Maio às 11:30 horas, proporcionou-se uma “ante-estréia” com debate de idéias com o propósito de dar aos pais a possibilidade de visionar antecipadamente o filme “Então é assim” e a decidirem se a sua informação e linguagem conferiam com o que gostariam de transmitir aos seus filhos na fase de vida em que se encontravam.

O filme possui duas partes que abordam o assunto de uma forma bastante direta, com uma linguagem pouco trabalhada para o público alvo que são as crianças, sendo de fácil compreensão para qualquer pessoa que o assista. A questão começa com a chegada



das crianças com uma das interrogações mais freqüentes e que possivelmente, tem as mais diversas respostas para ela: “como se faz um bebê?”. Naturalmente se inventaria uma história mirabolante para “tentar” explicar o ato, mas a animação explica passo a passo este processo intermediado por outros questionamentos que poderão surgir a respeito do tema, em uma linguagem adequada para crianças. O filme apresenta o órgão reprodutor masculino e feminino e aborda resumidamente o funcionamento de cada um deles, sempre com uma linguagem acessível. Além de assuntos biológicos, a animação também se preocupa em discutir assuntos de fundo sentimental e emocional; como em quais casos as pessoas pensam em se relacionar sexualmente e quais as justificativas para que isso ocorra, alertando para supostos abusos que podem vir a acontecer e que, na maioria das vezes, não são descobertos com antecedência decorrente da falta de informação da criança a respeito do assunto; claro que de uma maneira bastante sutil englobando o mundo da criança, com a questão de "como é que eu sei se faz bem ou faz mal quando mexem no meu corpo". Como todo o trabalho infantil precisa ser mediado para que sua compreensão e entendimento seja mais satisfatório, supostamente uma forma mais adequada de passá-lo para as crianças seria com o acompanhamento de um adulto ou responsável (pai, mãe, educador), pois assim as dúvidas mais freqüentes poderiam ser sanadas imediatamente sem deixar lacunas ou interrogações, fazendo uma integração com conteúdos compreendidos. Os recursos cognitivos e emocionais da criança precisam ser observados com atenção, para que as informações sejam reguladas de acordo com suporte emocional da criança. Além dos pais, nós educadores precisamos ter essa noção de diálogo aberto, pois é na escola que as crianças passam a maior parte do tempo e é na qual as primeiras relações intrapessoais ocorrem, acarretando dúvidas de diversos assuntos.

A partir do momento que adotamos recursos, a exemplo do curta de animação “Então é Assim!”, acessível e explicativo no âmbito escolar, de forma que abrange todas as maneiras de estudar, de aprender e de ensinar em todos os níveis de aprendizagem; avaliaremos também o lugar que elas ocupam na sociedade juntamente com seu impacto social como agente ativo de modificação do modo de percepção de opinião e de atitudes.

De fato, a televisão como recurso tecnológico supera outros meios utilizados na escola, ignorar seu efeito sobre a população, pode

colocar o ensino à margem da discussão que seus programas suscitam e desencorajar o aluno que se encontra familiarizado com sua linguagem (CABREIRA; CABREIRA; BRAGA, 2009).

Sendo assim, precisamos nos ater a elaboração da aprendizagem juntamente com a coerência de informações, nos adaptando e nos reciclando para integrar ao ensino as novas linguagens e os novos modos de expressão. Esta adaptação implica em fazer escolhas inteligentes com um olhar crítico sobre as mensagens que temos a intenção de proporcionar, pois o problema não está em ver ou não determinado programa de TV, mas sim a interpretação que se dá a ele.

Os jovens, assim, encontram-se diante de uma situação que tem dois lados. São os primeiros a vivenciar plenamente este novo mundo em que o homem se despe de todos aqueles poderes fantásticos que se haviam incrustado em sua mente. Ao mesmo tempo, são testemunhas da expansão extraordinária dos meios técnicos de comunicação e informação, que possibilitam um contato, uma ligação nunca antes imaginada, bem mais rápida e eficiente, com o mundo inteiro (MARCONDES Fº, 1994, p.17).

Uma criança ou adolescente bem informado, ou mais esclarecido, que possui uma abertura e um livre diálogo sobre diferentes assuntos e principalmente sobre o assunto sexualidade, não aceita qualquer informação e questiona sempre que julgar necessário, sem medo de qualquer repreensão.

Algumas Considerações

Ao pensar no plano escolar, os agentes educativos precisam estar capacitados a agir de forma adequada e coerente às dúvidas e manifestações das crianças e jovens a respeito da sexualidade, lembrando que precisam estar focados somente no que se é questionado, sem fugir do assunto que está em questão. A abordagem pedagógica de temas de sexualidade humana possui uma lógica de natureza científica e interdisciplinar, privilegiando o espaço e as necessidades das crianças e dos jovens apoiando as famílias e as envolvendo no processo de ensino/aprendizagem. A Educação Sexual nas escolas é essencial que seja abordada de uma maneira autônoma com liberdade de escolhas,

reconhecendo que a sexualidade é uma fonte de vida, prazer e comunicação que se relaciona diretamente com as realizações pessoais e intrapessoais de todo ser humano.

A Educação Sexual implica um caráter informativo, mas também um envolvimento afetivo e amoroso na vivência da sexualidade, respeitando as diferenças e igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

- BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação**. São Paulo: Autores associados, 2001.
- BOCK, Furtado e Teixeira. A Psicanálise. In: _____ *Uma Introdução ao Estudo de Psicologia*. São Paulo. 13° Ed. 1999. Cap. 5; p.71-82.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. São Paulo: Scipione, 1994.
- SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro, DP&A, 2° Ed. 1998.
- KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação. O Mestre do. Impossível**. São Paulo, Scipione, 3° Ed. 1997.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**: primeira coletânea. Londrina: O autor, 1999.
- GADOTTI, Moacir. A televisão como espaço educativo. In: *Perspectivas Atuais na Educação*. Moacir Gadotti e Colaboradores. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MARCONDES Fº, Ciro. *Televisão*. São Paulo: Scipione, 1994.
- PIVETA, Patricia Rosana. *Telenovela: um dos procedimentos educativos da sociedade brasileira*. Londrina: UEL, 1999.
- SOUZA, Jésus Barbosa de. Meios de Comunicação de Massa: Jornal, Televisão, Rádio. São Paulo: Scipione, 1996.
- CABREIRA, Luciana Grandini; CABREIRA, Luzia Grandini; BRAGA, Eliane Rose Maio. A prevenção da Gravidez na adolescência: "merchandising do bem" em



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES
Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares
28, 29 e 30 de abril de 2011
MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

"Senhora do Destino". Anais do IV EIDE - Encontro Ibero Americano de Educação. UNESP, Campus Araraquara, 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).